



**DACEC** Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 17/07/2020 a 23/07/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>17/07/2020</b>	8,98	286,50	29,92	5,34	3,33
<b>20/07/2020</b>	9,03	288,60	29,93	5,22	3,28
<b>21/07/2020</b>	8,96	285,60	30,07	5,27	3,22
<b>22/07/2020</b>	8,99	286,60	29,93	5,34	3,27
<b>23/07/2020</b>	9,06	290,40	29,79	5,29	3,28
<b>Média</b>	<b>9,00</b>	<b>287,54</b>	<b>29,93</b>	<b>5,29</b>	<b>3,28</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média*</b>	
RS – Panambi	<b>106,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>105,50</b>	
RS – Londrina	<b>98,00</b>	
PR – Cascavel	<b>99,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>102,00</b>	
MS – Maracaju	<b>107,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>94,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>102,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>49,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>48,50</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Panambi	<b>44,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>44,00</b>	
PR – Cascavel	<b>42,00</b>	
PR – Londrina	<b>41,50</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>35,00</b>	
MS – Maracaju	<b>38,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>47,00</b>	
SP – Campinas	<b>50,50</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>38,00</b>	
GO – Jataí	<b>S/C</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>57,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>55,00</b>	
PR – Londrina	<b>58,00</b>	
PR – Cascavel	<b>60,00</b>	

Período: 22/07/2020

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 23/07/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	<b>44,76</b>	<b>107,35</b>	<b>55,22</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
23/07/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>61,94</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>195,63</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>36,20</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>4,19</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>1,48**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>7,51</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Junho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja na Bolsa de Chicago continuaram firmes nesta semana, com o bushel, no primeiro mês cotado, finalmente rompendo os US\$ 9,00, para fechar, nesta quinta-feira (23), em US\$ 9,06, contra US\$ 8,93 uma semana antes. Esta cotação não era alcançada, para o primeiro mês cotado, desde o dia 24/01/2020.

Além das especulações climáticas, normais para esta época do ano, a forte demanda da China está dando suporte ao mercado. Todavia, as tensões comerciais e políticas entre os EUA e o país asiático deixam o mercado atento a uma reversão de expectativas mais adiante, embora a disponibilidade de soja na América do Sul comece a diminuir.

Somando a safra velha e a nova, os EUA teriam exportado, nesta semana, até o dia 22, um total superior a 1,3 milhão de toneladas de soja, especialmente para a China. Neste sentido, na semana encerrada em 16/07, os embarques semanais de soja por parte dos EUA somaram 452.811 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial, os embarques da oleaginosa já chegam a 38,3 milhões de toneladas, enquanto no anterior eram pouco mais de 39 milhões.

Mesmo sendo precificada, a participação da China no mercado estadunidense alivia um pouco a tensão existente em relação a continuidade chinesa neste mercado. Os operadores, então, se voltam para o clima nos EUA; ao volume final a ser colhido por este país; e para a tendência de safra recorde na América do Sul na futura safra.

É bom frisar que, apesar das especulações, o clima nas regiões da soja nos EUA transcorre muito bem. Tanto é verdade que muitos analistas consideram factível que, nos próximos relatórios, o USDA eleve entre 3% a 5% suas projeções de safra de soja e milho para aquele país.

Por enquanto, o quadro favorável permitiu elevar as condições das lavouras entre boas a excelentes para 69% até o dia 20/07, com ganho de um ponto percentual sobre a semana anterior. Por outro lado, são 24% das lavouras em situação regular e 7% entre ruins a muito ruins. Cerca de 25% estão com formação de vagens e 64% em fase de floração.

No Brasil, os preços da soja se mantiveram em alta, mesmo diante de um Real mais valorizado (R\$ 5,11 por dólar em momentos desta semana). A forte demanda na exportação, associada a grande quebra no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, deixa a demanda interna em dificuldades. Com isso, por um lado o prêmio nos portos brasileiros sobem, enquanto o mercado interno sustenta preços elevados para garantir fornecimento, especialmente no sul do país onde há escassez de oferta.

Assim, a média gaúcha no balcão, em termos nominais, bateu novo recorde, chegando nesta semana a R\$ 107,35/saco. Nas demais praças os preços foram os seguintes: R\$ 98,00 a R\$ 99,00 no Paraná; R\$ 102,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 107,00 em Maracaju (MS); R\$ 94,00 em Rio Verde (GO) e R\$ 102,00 em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Por sua vez, a ANEC reduziu sua estimativa de exportação de soja por parte do Brasil em julho, com o volume final para o mês ficando agora estimado em 8,8 milhões de toneladas. Já o farelo de soja deverá ficar em 1,76 milhão de toneladas. Em se confirmando esta estimativa, nos sete primeiros meses do ano o país terá exportado 70,6 milhões de toneladas do grão e 8,2 milhões em farelo. Por outro lado, a estimativa de exportação de soja para o total do ano comercial nacional, segundo alguns analistas, já estaria em 83 milhões de toneladas, contra 77 milhões inicialmente previstas. Na semana passada, do 12 ao 18 de julho, o Brasil exportou 2,1 milhões de toneladas de soja e 322.355 toneladas de farelo.

Oficialmente, segundo a Secex, o Brasil exportou, nos primeiros 13 dias úteis de julho, 6,1 milhões de toneladas do grão, acumulando 70 milhões no ano, contra 48 milhões de toneladas no mesmo período do ano passado.

Somando os três produtos do “complexo soja” (grão, farelo e óleo) o país já teria vendido 80,7 milhões de toneladas neste ano, contra pouco mais de 53 milhões em igual momento do ano passado. Vale destacar que as vendas externas de óleo de soja serão bem maiores do que o esperado, devendo ficar entre 800.000 a um milhão de toneladas devido à redução na demanda interna de biodiesel, em função da pandemia, e também pelo aumento da oferta a partir de um esmagamento maior para atender a demanda de farelo por parte das indústrias integradoras de carnes.

Já no Mato Grosso a soja vem sendo muito disputada igualmente, com preços superando a casa dos R\$ 100,00/saco. Vale destacar que os subprodutos farelo e óleo estão muito valorizados também, na medida em que a demanda vai melhorando no mundo, passado o forte da pandemia (a crise do coronavírus, de fato, se concentra agora particularmente nos EUA, Brasil, Índia e África do Sul, embora os demais países não possam se descuidar, pois o número de casos de contaminação em muitos locais volta a aumentar repentinamente em alguns momentos).

Enquanto na Bolsa de Chicago o óleo chegou a superar os 30 centavos de dólar por libra-peso no dia 21/07, algo que não era visto há cinco meses, as margens de esmagamento no Mato Grosso aumentaram 11,1% na última semana, fato que ocorreu também em outras regiões. Com isso, a demanda interna busca pagar mais pela soja visando impedir sua exportação. Tanto é verdade que muitas tradings estão fazendo recompra de soja, ou seja, comprando soja que estava vendida para exportação, visando colocá-la no mercado interno.

Como já comentado em outras oportunidades, esta situação excepcional no Brasil neste ano eleva o volume de importações de soja visando abastecer o mercado interno. Somente nos 13 primeiros dias úteis de julho o país importou mais 66.000 toneladas, contra 12.700 toneladas em todo o mês de julho do ano passado.

Neste contexto, segundo o Cepea, a relação estoque/consumo neste ano é a menor desde a safra 2011/12. Isso explicaria porque as importações brasileiras de soja cresceram mais de 197% no primeiro semestre de 2020, em relação ao mesmo período de 2019, totalizando 272.000 toneladas, sendo o Paraguai o maior fornecedor.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago se mantiveram estáveis, com um pequeno viés de baixa. O fechamento, para o primeiro mês cotado, neste dia 23/07, ficou em US\$ 3,28/bushel, contra US\$ 3,30 uma semana antes.

As dificuldades de exportação por parte dos EUA; a grande safra esperada para ser colhida a partir de setembro, com o clima positivo até o momento naquele país; a forte concorrência brasileira e argentina; e a parcial redução na demanda por etanol devido a pandemia, seguram os preços do cereal em Chicago.

Neste sentido, na semana encerrada em 20/07 as condições das lavouras estadunidenses de milho se mantiveram em 69% entre boas a excelentes, com 23% regulares e 8% entre ruins a muito ruins. Já 59% das mesmas entram em fase de polinização, o período mais crítico em termos climáticos. Outros 9% já estão na fase de enchimento de grãos, contra 7% na média histórica.

Quanto aos embarques de milho, na semana anterior os EUA teriam alcançado 1,1 milhão de toneladas, ficando dentro do extrato superior esperado pelo mercado, porém, com um total de apenas 36,3 milhões de toneladas no atual ano comercial, contra 43 milhões exportadas no mesmo período do ano anterior.

No Brasil, os preços se mantiveram firmes nas regiões carentes do produto e em baixa naquelas em que a safrinha está sendo colhida. Assim, a média gaúcha no balcão ficou em R\$ 44,76/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 44,00 no centro de Santa Catarina; R\$ 41,50 a R\$ 42,00 no Paraná; R\$ 35,00 na região de Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 38,00 em Maracaju (MS); R\$ 47,00 em Itapetininga (SP); R\$ 50,50/saco no CIF Campinas, também em São Paulo; R\$ 38,00/saco em Rio Verde (GO).

Por sua vez, na B3 o vencimento setembro atingiu a R\$ 46,75/saco em meados da semana, enquanto novembro ficou em R\$ 48,52; janeiro em R\$ 50,67; e março em R\$ 50,65/saco. O aumento no ritmo da colheita da safrinha também força baixas nos contratos da Bolsa brasileira.

Quanto às exportações, a expectativa agora é de que o país feche o mês de julho com 5,6 milhões de toneladas vendidas, somando 8,2 milhões no total dos primeiros sete meses do ano. Nos primeiros 13 dias úteis de julho o país exportou 1,7 milhão de toneladas do cereal. Se o Brasil conseguir manter a cadência de 5 milhões de toneladas mensais exportadas nos cinco meses restantes, o ano de 2020 terminará com vendas externas de milho em 33,2 milhões de toneladas, volume que ficaria acima de grande parte das expectativas atuais. Mas o resultado final destas exportações dependerá muito do comportamento cambial no Brasil. Em o Real de valorizando, haverá pressão para vender o produto no mercado interno ao invés da exportação.

Dito isso, é bom lembrar que a média diária de exportações em julho está 48,7% menor do que o registrado no mesmo período de 2019. O preço médio da tonelada de milho exportada em julho ficou em US\$ 167,50, ou seja, 2,6% mais baixo do que a média de julho do ano anterior.

Em termos estaduais, o Mato Grosso do Sul havia chegado a apenas 5,1% da área colhida até meados da semana, contra 43,6% em igual momento do ano passado e 27,8% na média histórica. Já a comercialização da safra avançou para 48,3% do total esperado, ficando sete pontos percentuais acima do registrado no mesmo período do ano passado. No Mato Grosso a colheita atingia a 75,6% da área até o dia 17/07, enquanto no Paraná a mesma chegava a apenas 17% da área (cf. Imea). Já em São Paulo apenas 7%, em Goiás 23% e em Minas Gerais 3%. A colheita da safrinha, até o dia 17/07, atingia a 41% no Centro-Sul brasileiro, contra 61% no mesmo momento de 2019 e 40% na média histórica para esta data. (cf. Safra & Mercado)

Enfim, no Mato Grosso a comercialização da safra 2019/20 atingia a 87,1% do total, enquanto a safra 2020/21 batia em 41% já vendida. Neste Estado, o custo varável de produção da safrinha teria ficado em R\$ 2.885,74/hectare, ou seja, R\$ 22,58/saco considerando a produtividade média da atual safrinha. (cf. Imea)

## MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo em Chicago, para o primeiro mês cotado, após bastante oscilação, acabou fechando a quinta-feira (23) em US\$ 5,29/bushel, contra US\$ 5,35 uma semana antes.

A colheita do trigo de inverno nos EUA chegava a 74% da área total no dia 19/07, contra 75% na média histórica. Na mesma data, 91% do trigo de primavera estava germinado, contra 94% na média histórica. As condições das lavouras, neste mesma data, para o trigo de primavera, eram de 68% entre boas a excelentes; 24% regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

Em termos de exportações, nos EUA o volume na semana anterior ficou em 500.607 toneladas, dentro do intervalo esperado pelo mercado. Com isso, em todo o ano comercial, iniciado em 1º de junho, o volume já exportado chega a 3,58 milhões de toneladas, ficando acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, no momento em que se espera preços do trigo mais baixos no mercado brasileiro a partir de setembro, quando entra a nova colheita, vale destacar que isso dependerá de dois fatores: do câmbio no Brasil que, em se mantendo acima de R\$ 5,00 por dólar, mantém caras as importações do cereal, valorizando o produto nacional; e do comportamento do mercado argentino, que enfrenta problemas climáticos em algumas regiões. Além disso, o governo argentino travou parcialmente as exportações do cereal, dificultando as compras brasileiras naquele mercado. Ao mesmo tempo, com o atual câmbio, a exportação de trigo, especialmente o de qualidade inferior, ganha força. Esse conjunto de fatores pode manter os preços do trigo brasileiro nos atuais níveis, mesmo durante o quarto trimestre, momento da entrada da nova safra.

Neste contexto, os preços nacionais do trigo voltaram a subir nesta semana. A média gaúcha no balcão chegou a R\$ 55,22/saco, enquanto no Paraná o produto ficou entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00/saco. Em Santa Catarina, a região de Rio do Sul se manteve em R\$ 56,00/saco. O movimento de alta se deu especialmente no mercado de lotes.

Segundo a CONAB, para este ano 2020/21 espera-se uma colheita de 6,3 milhões de toneladas no Brasil. As importações deverão atingir a 7,3 milhões de toneladas. As exportações podem chegar a 300.000 toneladas. O consumo nacional chegará a 12,5 milhões, incluindo sementes, enquanto os estoques finais ficariam em 868.600 toneladas, contra 100.600 no final do atual ano comercial que é dia 31/07 (lembrando que o novo ano comercial brasileiro para o trigo vai de 01/08/20 a 31/07/21).

Em termos de moagem de trigo, das 12,2 milhões de toneladas projetadas para o novo ano, 30% se dará no Paraná; outros 28% no Norte e Nordeste; 15,4% no Rio Grande do Sul; 13% em São Paulo; 9,8% no conjunto do Centro-Oeste, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro; e 3,8% em Santa Catarina. (cf. Conab)

Nos primeiros seis meses do corrente ano o Brasil exportou 18.013 toneladas de farinha de trigo, sendo o maior comprador a Venezuela com 98,8% do total vendido pelo nosso país. Vale ainda destacar que nos quatro primeiros meses de 2020 o Brasil exportou 205.756 toneladas de trigo, sendo o maior comprador nacional o Vietnã, com 84,5% do total, e as Filipinas com outros 15,4% do total. Enfim, nos primeiros seis meses de 2020, o Brasil importou 3,44 milhões de toneladas de trigo, sendo 91% procedentes da Argentina. (cf. Conab)